

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

## EXPERIÊNCIA PRISIONAL: o esquadramento do espaço e as práticas discursivas

Jaqueline Carvalho Quadrado<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo analisar discursos produzidos no espaço prisional feminino, em Palmas no estado do Tocantins (Brasil), com o propósito de compreender como se configuram os processos de subjetivação das mulheres encarceradas, no domínio de práticas discursivas do aprisionamento. Para desenvolver nossas reflexões, mobilizamos o estudo da produção de subjetividades a partir dos conceitos formulados por Michel Foucault, sobretudo em sua fase de investigação denominada de arquiogenealógica. Nesse sentido, os conceitos de biopolítica, biopoder e verdade são o eixo de nossas análises para apreendermos o funcionamento dos discursos institucionais sobre a aprisionamento de mulheres situadas em uma unidade prisional. Nossas análises enfatizam como as práticas discursivas produzem efeitos de verdade, no domínio de uma biopolítica de controle dos corpos, traduzindo-se em processos de biopoder e imposição de discursos, por meio de “dispositivos de verdades”.

**Palavras-chave:** Discursos; Biopolítica; Controle dos Corpos; mulheres encarceradas.

**Abstract:** This paper aims to analyze discourses produced in the female prison space, in Palmas in the state of Tocantins (Brazil), with the purpose of understanding how the subjectivation processes of incarcerated women are configured, in the domain of discursive practices of imprisonment. To develop our reflections, we mobilized the study of the production of subjectivities from the concepts formulated by Michel Foucault, especially in his phase of investigation called archgenealogical. In this sense, the concepts of biopolitics, biopower and truth are the axis of our analyses to apprehend the functioning of institutional discourses on the imprisonment of women located in a prison unit. Our analyses emphasize how discursive practices produce effects of truth, in the domain of a biopolitics of control of bodies, translating into processes of biopower and imposition of discourses, through "devices of truths".

**Keywords:** Discourses; Biopolitics; Control of Bodies; incarcerated women.

## 1 INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA); Doutora em Sociologia; jaquelinequadrado@unipampa.edu.br

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

O presente artigo tem como objetivo analisar discursos produzidos na Unidade Prisional de Palmas, do estado do Tocantins (Brasil), com o propósito de compreender como se configuram os processos de produção de subjetividades de mulheres encarceradas, no domínio de práticas discursivas sobre o cárcere. Para constituição do corpus da pesquisa, realizamos entrevistas com 20 mulheres em situação de encarceramento na referida Unidade Prisional. Para isso, nos aproximaremos do método arqueogenalógico de Foucault, particularmente no que concerne aos conceitos de normalidade, normalização, biopolítica e institucionalização dos corpos, analisando como os discursos sobre as experiências prisionais refletem uma vontade de saber-poder.

O material levantado baseou-se na busca de elementos empíricos que permitissem coletar elementos quotidianos relacionados à experiência da punição, a partir de trajetórias pessoais diversas, buscando inventariar a maior diversidade possível de atitudes face ao fenômeno pesquisado. Para que as representações a respeito da experiência decorrente do encarceramento pudessem ser captadas com maior abrangência, espontaneidade e profundidade, foi escolhido o modelo de entrevista semiestruturada. Privilegiei a abordagem narrativa voltada para uma diretriz precisa: as mulheres foram convidadas a reconstituírem suas trajetórias de vida, o antes do cárcere e o momento em que estavam no cárcere. Todas entrevistas ocorreram em uma sala de atendimento individual da Unidade Prisional; Tiveram em média, a duração de duas horas.

Para isso o eixo de reflexão entrelaça-se e é apresentado aqui sob forma de questão: O que o estudo empírico acerca das experiências e interações vividas, a partir dessa forma de punição, revela? Minha hipótese, é a de que aspectos ligados às relações de espaço prisional, ritual de entrada e (re) socialização podem impactar na produção de subjetividades específicos da punição para mulheres que convivem com essa forma de sanção

O artigo está dividido em duas partes, a saber: o espaço prisional e o ritual de entrada. No item que segue faremos uma breve contextualização do espaço prisional

PROMOÇÃO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

a partir dos discursos das mulheres encarceradas, pois é a partir das condições históricas de produção de sentidos sobre uma dada realidade que podemos apreender o funcionamento discursivo sobre essa realidade.

## 2 ESPAÇO PRISIONAL

Nesta seção, é demonstrado o espaço prisional a partir do olhar das mulheres presas, por isso serão fragmentos construídos/interpretados por essas mulheres que ali se encontram. O que elas veem o que sentem e como agem nesse ambiente. Antes de tudo, esboçaremos brevemente a constituição desse espaço sob a analítica de Foucault e desta pesquisadora.

O espaço prisional é um espaço institucionalizado de controle, permeado pela imposição da disciplina, associada à precária estrutura física. Assim como a maior parte do sistema prisional brasileiro, a estrutura física encontra-se deteriorada. Quanto à organização desse espaço prisional, Foucault (1987, p. 120) refere-se que, “a disciplina é a anatomia política do detalhe”, na Unidade, o rigor na implementação dos detalhes está presente, tanto no controle do tempo quanto dos gestos das presas e do efetivo funcional.

A rotina prisional disciplinada é justificada pelo estado de alerta contínuo, gerado pela preocupação com a superlotação carcerária, especialmente porque a unidade conta com um efetivo reduzido de agentes penitenciárias por plantão de 24 horas, para fazer a segurança de 64 mulheres presas.

As presas relatam que, quando ingressam na Unidade, são alojadas no espaço, nomeado na linguagem local como “Carandiru”, no qual as mulheres recém-chegadas passam os 30 primeiros dias, ou um período maior, por organização da própria instituição ou a pedido, como no caso de uma presa, que pediu para ficar ali. O ritual de entrada indica o caráter de dominação e assujeitamento a que as presas são literalmente acondicionadas. Mas, a especificidade presente em forma de cela para adaptação, reflete a ação tácita em informá-las, consciente ou

PROMOÇÃO



APOIO





PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

inconscientemente, sobre quem detém o poder nesse local. Desse modo, o espaço disciplinar assume a função inicial de pacificação dos corpos.

Para Foucault, o poder não se exerce na lei, mas, sim, na norma, e se caracteriza não apenas pela repressão da individualidade, mas, principalmente pela sua construção (CASTRO, 2009). A partir desta compreensão do poder, Foucault (2001) formula os conceitos de poder disciplinar, exercido sobre os indivíduos, e de biopolítica, enquanto poder que se exerce sobre as populações. A conjunção destes dois tipos de poder é o que resulta no biopoder, em que a normalização se traduz na regulação da vida, tanto dos indivíduos como das populações, na medida em que as tecnologias da disciplina e da regulação se instauram na sociedade e regulam os corpos. Na sociedade da normalização, a norma traz consigo um princípio de qualificação e um princípio de correção. Segundo Foucault, no século XVIII a normalização social, política e técnica se manifestou no domínio da educação, nas escolas, e na medicina através da organização hospitalar, mas, também, da produção industrial, apresentando-se como uma questão positiva, já que não mais exclui, mas transforma a partir de um poder normativo (FOUCAULT, 2001).

Em síntese, para Foucault, a disciplina produz, a partir dos corpos que controla, quatro tipos de individualidade, ou, antes, uma individualidade dotada de quatro características: é celular (pelo jogo da repartição espacial); é orgânica (pela codificação das atividades); é genética (pela acumulação do tempo); é combinatória (pela composição das forças). E, para tanto, utiliza quatro grandes técnicas: constrói quadros; prescreve manobras; impõe exercícios; organiza “táticas”. “A tática, arte de construir, com os corpos localizados, atividades codificadas e as aptidões formadas, aparelhos em que o produto das diferentes forças se encontra majorado por sua combinação calculada é sem dúvida a forma mais elevada da prática disciplinar” (FOUCAULT, 1987, p. 192).

Enquadrada nessas condições de cumprimento de pena, uma das entrevistadas declarou: “São mais ou menos 20, 21. Agora, 14 juntas, condenadas e provisórias. Aqui gera discussão, conflitos (Lira)”.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

A partir desses fatos, pode-se também constatar um acúmulo de, em média, 15 a 20 mulheres por cela, observando-se que, quase todas as celas possuem camas do modelo triliches ou beliches, entretanto, cerca da metade das mulheres que habitam uma cela, dorme na “praia”, gíria utilizada na prisão para se referir àquelas que dormem no chão. Na prisão, não existe espaço livre, nem mesmo para quem dorme no chão. Muitas têm que dividir a mesma cama ou colchão no chão. De acordo com Foucault (1987, p.123), “a disciplina organiza um espaço analítico, com procedimentos para conhecer, dominar e utilizar”. Afinal, o princípio do quadriculamento de distribuição das internas por função, merecimento ou maternidade, implica classificá-las, separá-las ou agrupá-las de maneira exterior ao indivíduo.

A falta de recursos financeiros para manutenção da penitenciária produz, dentro do estabelecimento, um comércio paralelo de todos os tipos de bens de consumos acessíveis na prisão. Por exemplo, a posse de uma cama se dá por antiguidade ou pode ser comprada por aquelas que detêm certo poder econômico, no caso, desta última, não houve relatos que indicassem tal “comércio” de camas.

Clair disse que, quando chegou, foi recebida por outra interna e que está propôs dividir a cama com ela. *“Ficava uma para os pés e outra para a cabeceira. Ela foi embora e, agora, a cama é minha. Continuo dividindo com outra.”*

Conforme Thompson, (1998) “[...] adaptação à prisão implica em desadaptação à vida livre” (p.18). Somam-se a esse fato, as relações temporais e variáveis, isto é, limita-se ao tempo de cumprimento da pena privativa de liberdade de cada indivíduo, uma vez que não se trata de adaptação, conformismo, mas de uma condição que é imposta, uma relação de subordinação perante o poder estabelecido de força coercitiva.

### 3 RITUAL DE ENTRADA

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

Esta seção analisa as narrativas das mulheres encarceradas sobre o ritual de entrada na prisão. Examina o processo de prisionização: o ritual de entrada na prisão que segue uma rotina padrão do processo carcerário, como um rito de passagem, iniciado com a identificação, a revista, a tomada de pertences, as orientações sobre as normas a serem cumpridas e o encaminhamento para o setor em que ficará reclusa, a cela.

Dispositivos de uma biopolítica atuando na subjetividade das mulheres encarceradas Foucault (2007) propõe transformar a análise de uma história das mentalidades e do pensamento em um estudo dos dispositivos de poder. De partida, ele faz a seguinte pergunta: *“En qué medida puede un dispositivo de poder ser reproductor de una serie de enunciados, de discursos y, por consiguiente, de todas las formas de representaciones que a continuación pueden derivarse de él?”* (FOUCAULT, 2007, p. 30). O autor procura responder a esta questão a partir da postulação de que um dispositivo de poder é uma instância produtora de práticas discursivas e que para compreendê-lo criticamente é preciso, através de uma arqueologia, fazer a escansão histórica da formação dessas práticas discursivas, seus processos de formação e de transformação, assim como dos elementos que a conformam na relação com o saber.

Para Foucault, o lugar de atuação do poder é, em última instância, o corpo, de modo que todo poder é físico: entre o corpo e o poder político pode se estabelecer uma conexão direta. Além dessa linha de investigação traçada, Foucault sugere seu interesse de análise pelas relações de poder voltadas para os indivíduos e a coletividade e não para as instituições, em si mesmas. *Lo importante, entonces, no son las regularidades institucionales sino, muchos más, las disposiciones de poder, las redes, las corrientes, los relevos, los puntos de apoyo, las diferencias de potencial, que caracterizan una forma de poder y que son, creo, precisamente constituti vos a la vez del individuo y de la colectividad.* (FOUCAULT, 2007, p. 32). Sob essa perspectiva, portanto, não a violência do poder, mas, a microfísica do poder. Decorrente disso, em vez de lançar foco sobre as instituições, ele focaliza em suas

PROMOÇÃO



APOIO





PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

análises as práticas e as estratégias de relações de poder, assim como os enfrentamentos produzidos nas resistências, uma vez que, para o autor, não há poder sem resistência, ambos se implicam.

Foucault (1987) destaca a existência de três esquemas do sistema penitenciário que podem ser relacionados com outros dispositivos de poder: i) o isolamento que foi muito notório na relação estabelecida com os considerados loucos depois da Renascença; ii) o modelo relacionado com a força de trabalho e iii) o modelo da cura e da normalização, enquanto figura de poder e detentora de verdade. E para essa concepção o aparelho carcerário recorreu a três grandes esquemas: o esquema político-moral do isolamento individual e da hierarquia; o modelo econômico da força aplicada a um trabalho obrigatório; o modelo técnico-médico da cura e da normalização. A cela, a oficina, o hospital. A margem pela qual a prisão excede a detenção é preenchida de fato por técnicas de tipo disciplinar. E esse suplemento disciplinar em relação ao jurídico, é a isso, em suma, que se chama o “penitenciário” (FOUCAULT, 1987, p. 276).

Atendo-nos ao terceiro modelo de dispositivo, vale dizer que há tecnologias de poder que surgem com a definição de categorias como normal e anormal, formadas a partir da relação de poder-saber e de uma estratégia de normalização com base em procedimentos jurídicos tradicionais da punição: o asilo, o hospital entre outros. Mas, tais dispositivos são ressignificados em outros espaços institucionais (FOUCAULT, 1987, p. 208).

O ritual de entrada na prisão segue uma rotina padrão do processo carcerário, como um rito de passagem, iniciado com a identificação, revista, a tomada de pertences, as orientações sobre as normas a serem cumpridas e o encaminhamento para o setor/cela das “novatas” e temporárias, designado pelas presas como “Carandiru”.

*Sheila e Teresa* expressam seus sentimentos em relação a esse momento: o medo e destituição do eu, como mostram os relatos: “*foi horrível, humilhante, me senti*

PROMOÇÃO



APOIO





a pior das pessoas, se é que existe pior” (Sheila). Teresa: “me senti um lixo, uma coisa, parecia que aquele dia não ia ter fim. Tinha vontade de arrebentar tudo”.

Esses relatos reportam-se a Goffman (2001, p.4), quando fala sobre a entrada de novatos no meio prisional: “começa com uma série de relacionamentos, degradações, humilhações e profanações do eu. O seu eu é sistematicamente, embora muitas vezes não intencionalmente, mortificado.” O sentimento de desvalorização, manifestado por Teresa, demonstra que o eu foi atingido com tanta intensidade, ao ponto de querer externalizar por meio de agressões a sua condição humana.

Eliza descreve este momento de entrada: “*não falava com ninguém no início, logo percebi que não adiantava me calar, percebi que aqui ia ficar um tempo, não adiantava mais[...]*”. Goffman (2001) argumenta que sobre a admissão do preso: “[...] existe uma necessidade especial de conseguir a cooperação inicial do novato”. Assim, dá-se início ao processo de “prisionização”, que significa a aquisição de comportamentos, hábitos, tipo de linguagem e modos de pensar e agir próprios do meio social penitenciário, quando há uma tendência da presidiária para “abandonar os padrões existentes na vida livre e adotar os valores dominantes na prisão (CÉLEM, 1983, p.56)”.

Goffman (2001, p.34) esclarece que

[...] a vida prisional exige a aceitação da condição de presa, que implica a perda do direito de ir e vir e na necessidade de pedir permissão para todos os seus atos. Exige, também, a integração a uma vida comunitária, onde não há lugar para a privacidade, a submissão ao controle rígido do comportamento, a obediência a uma rotina marcada por horários rígidos e a aceitação de companheiras com as quais não gostaria de estar em “contato interpessoal imposto”.

A privação de liberdade, legitimada pelo Estado e pela sociedade é mais um tipo de exclusão social, que dá continuidade às várias situações de exclusão experimentadas por essas mulheres na sociedade livre, como mostram suas narrativas de experiências de vida, anterior ao cárcere. A perda da privação de liberdade, pela prisão, é sentida por todas como uma ruptura de vínculos com a



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



sociedade em geral e, particularmente, com as figuras investidas de forte carga afetiva, representadas, sobretudo, por filhos, mães, pais, maridos e namorados.

As narrativas a seguir refletem os sentimentos despertados pela perda da liberdade: *“Aqui aprendi a ser mais humilde com as pessoas[...] Era muito brigona lá fora [...] De vez em quando dava bate boca [...] Ficar mais calada e ouvir mais, ficar com a boca fechada [...] Só isso mesmo (Maria).*

Sem dúvida, silêncio e obediência são respostas adequadas diante do risco de agressão física ou da inexistência (ou extrema precariedade) de soluções institucionais – mas, ao mesmo tempo, renovam as dificuldades enfrentadas. Aqui, é interessante chamar a atenção para o fato de que o silêncio (e, mais geralmente, as distintas formas de omissão, as quais não devem ser entendidas como passividade ou desinteresse) constitui um dispositivo de defesa.

Outra privação refere-se a não ter dinheiro. Nesse contexto, as presas são responsáveis pela aquisição de roupas de cama, produtos de higiene pessoal e alimentos. Esse fato aguça a necessidade de apoio dos familiares. A presa que não recebe visitas, ou qualquer forma de auxílio financeiro externo, de algum familiar, torna-se, inevitavelmente, serviçal de quem pode pagar. Uma detenta sem dinheiro ou apoio familiar acaba se submetendo à exploração de seus pares e ao básico e precário oferecido pelo Estado.

Para Foucault (1987), o poder é circulante em redes de micro poderes de que ninguém consegue se eximir, pois perpassa todo o tecido social e relações humanas socialmente estabelecidas, logo o espaço prisional é entremeado por teias de diversos poderes que circundam a vida na prisão.

Todavia, mesmo em ambiente hostil como a prisão, a disciplinarização dos corpos tem a função de individualizá-las, de maneira que o indivíduo seja subjugado inconscientemente a uma sensação de vigilância sem que ocorra a mecânica do isolamento. O ordenamento em pavilhões e a distribuição por meio do recorte das

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

horas, das filas e da contagem, como ocorre na Unidade, são reflexos da operação desse mecanismo disciplinador.

O espaço está sempre marcado pela rotina diária, tornando-se um lugar de descontentamento frequente, no qual as presas observam a morosidade dos dias, ocorrendo uma ruptura entre o tempo fora da prisão e o tempo intramuros. Michel Foucault (1987) relata que, para exercer poder sobre os homens, uma característica essencial é a ordenação do tempo. O condicionamento das presas, a partir de horários, nada mais é do que normas rígidas de controle dos corpos, pois a apropriação do tempo, no qual ele é alinhado, percorre o indivíduo orgânico, retirando suas vontades singulares, convertendo-os em seres dóceis, obedientes e, conseqüentemente, mais úteis.

Tais práticas constroem um controle sobre o corpo, instaurando a dominação a partir da classificação do outro. Foucault (1987) observa que o corpo foi estudado por muito tempo em termos biológicos e que, em oposição a este ponto de vista dado ao corpo, ele compreende-o como um campo político, como o espaço em que as relações de poder se manifestam, marcando-o, dirigindo-o, sujeitando-o a certas práticas produtoras de subjetividades. Estas práticas de produção de força do corpo estão relacionadas com a sua utilização econômica, a qual define as relações de poder, sejam físicas ou simbólicas. Assim, a dominação exercida sobre o corpo atua sobre ele de forma calculada através de um saber definido por Foucault como uma tecnologia política do corpo.

Tal tecnologia tem a ver com o estabelecimento de controle sobre suas forças, através de sua instrumentalização. Mas o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso (FOUCAULT, 1987, p. 29).

O corpo é ao mesmo tempo produtivo e submisso nas relações de poder: “Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política” (FOUCAULT, 1987, p. 47). O controle sobre os corpos é também o que fortalece a construção do saber médico, de tal forma que a relação que se estabelece entre a procura da objetividade, junto com a ordem disciplinar e o poder psiquiátrico fortalece o controle do corpo. Esse conjunto de fatores atribui poder para que um médico determine quem está doente e quem não está. Como lembra Foucault (1987), o médico se constituiu primeiro mais como uma figura de poder do que como um saber, a partir de seu desenvolvimento como autoridade moral e jurídica.

Sob essa perspectiva, o esquadramento do tempo por meio de normas estabelecidas previamente, as quais operam sobre os espaços e movimentos, possibilita o controle sobre os detalhes, pois opera sobre os indivíduos de forma alinhada, com obrigatoriedades distintas que acarretam a organização do espaço prisional sob a égide disciplinar. A rotina penitenciária molda o processo ritualizado com normas, horas e meios cronometrados, para que ocorra a disciplina em prisões e traga consequências imediatas à presa. Indagadas sobre como é viver no cárcere, falaram de perigo, insegurança, medo:

*“Cheguei aqui com muita raiva. Elas falavam muito. Aqui não tem essas leis [...] Não sou uma pessoa violenta [...] O que fiz[...] Não me acho perigosa [...] Agora, quando me faz uma ofensa[...] Sabe quando uma pessoa não sai do seu caminho[...] Você sabe a reação da pessoa[...] Não me acho agressiva[...] Quando uma pessoa se sente acuada, a gente pensa muito[...] Aprendi a me controlar, a ouvir mais. Era muito autoritária, opiniosa. Não gostava de grupos[...] De opiniões[...] Agora e aí gente, o que vocês querem? Pensava como vai dar certo com essas pessoas que não*

PROMOÇÃO



APOIO





PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUIS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

*conheço, sofria muito[...] Sou eu e ninguém me dá palpite. Me ajuda a melhorar, tirar o bom daqui, se não vou aprender a química da droga, o sequestro[...]. Aqui aprendi mais a conviver em grupo. Até no relacionamento não gostava muito de palpite, estou mais flexível (Bruna).”*

Pois a regra a individualiza em seu imaginário e, ao mesmo tempo, massifica em um grupo que segue os mesmos sinais. O discurso de fazedores de sujeitos melhores por intermédio desse modelo educacional é apenas a forma ideal de utilizá-lo como mais uma ferramenta presente no contexto disciplinar. A disciplina constrói-se como uma técnica de saber sobre os corpos, a qual se faz essencialmente necessária dentro da estrutura social, e prisão figura como interdição posta para essa sociedade. Especialmente, leva-se em conta que, em seu interior, propõe-se a executar técnicas eficazes de melhoramento de indivíduos que desobedeceram à coerção imposta socialmente. A disciplina concebida como estratégia de poder-saber é necessária para a normalização das condutas sociais e, sobretudo, para a manutenção da superestrutura que determina as sanções, por meio das quais subsidiará a preservação da ordem na sociedade capitalista. A coerção sobre o que é permitido ou proibido e legitimado pelas instituições sociais impõe-se por interposição de um código de regras àquelas que transgridem as normas socialmente estabelecidas.

Nesse bojo, a disciplinarização dos sujeitos permeia diversos espaços de poder, a fim de promover o comportamento desejado e estabelecer pactos punitivos para reestruturação do tecido social. Ocorre por meio da descentralização do poder difundido na forma de micro poderes, os quais se dão pela produção de saberes e transita em toda a estrutura social, produzindo e reproduzindo coerções de maneira pulverizada em diferentes espaços sociais.

A relação social imposta que se dá no regime prisional, apontada por Goffman (2001, p.34), aparece nos relatos como motivo de sofrimento; “o internado é ainda contaminado por um contato interpessoal imposto”. O sentimento de infantilização que se insufla, invade as presas, por exemplo, a ação de pedir coisas simples, referido

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

por Goffman (2001, p.46) como frequente na prisão: “o horror de sentir-se radicalmente rebaixado no sistema de graduação de idade”.

Roberta diz que tem que “pedir para comprar alimentos, para telefonar, para falar com o defensor, sempre tem que pedir permissão”. Helena relatou que “é difícil ter que depender da boa vontade dos outros; tem que rezar para elas toparem com sua cara”. Vania diz: “aqui você não é nada, é mais uma; uma a pedir, pedir. Sabe, parece uma criança que tá sempre pedindo e a mãe tá sempre dizendo não, não dá, depois”.

Percebe-se, nessas narrativas, que a condição de subalternidade à qual estão condicionadas e que as impedem de representar os seus papéis sociais de filha, mãe e de trabalhadoras, vem acompanhado do rebaixamento da autoestima ao ponto de identificarem-se com animais, objetos. Nazaré compara sua situação à de um animal, que “fica ali jogado e, de vez em quando, o dono lembra dele, para lhe dar comida ou lhe bater”.

As fronteiras são criadas, nesse caso, não pela imposição de limites físicos, como muros, por exemplo. Desta vez, os limites se dão de maneira relacional, porém do lado de fora da prisão. Isso, se pensarmos que os parentes de presas são vistos como pertencentes à categoria “dentro”, por causa de seu vínculo com as presas e, conseqüentemente, com o crime. Por oposição, a categoria “fora” ligada à cidade, aos seus moradores mais tradicionais, que não possuem ligação com o crime. Essas fronteiras parecem criar grupos: mulheres de preso, companheiro/as de presas, filhos de presas.

Essas categorias analíticas servem para pensar as relações “dentro” e “fora”: as relações intramuros e extramuros começam a se misturar. Apesar de o espaço ser a cidade, e a imposição dos limites físicos ser imposta pelas muralhas dos presídios, valores e práticas relacionados com o que acontece dentro da prisão são transferidos para espaços de sociabilidade para além dos muros da Unidade Prisional. Portanto,

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

características pertencentes ao dentro (prisão) e o fora (cidade) começam a se interligar.

Segundo Goffman (2001), haveria certa distância e conservação de grupos distintos e diferentes. Apesar do fraco contato entre as partes, ambos pouco se comunicariam e estabeleceriam fraca interação:

Presumivelmente, todas as restrições de contato ajudam a conservar os estereótipos antagônicos. Desenvolvem-se dois mundos sociais e culturais diferentes, que caminham juntos com pontos de contato oficial, mas com pouca interpenetração (p. 20).

Todavia, enquadrar-se aos padrões de comportamento da instituição não significa que essas mulheres aceitem passivamente as normas, regulamentos e imposições do exercício da prática penitenciária, nem se sintam conformadas com o tipo de trabalho, os horários, as sanções e mesmo as humilhações vividas nos espaços de reclusão. Enquadrar-se significa, muitas vezes, aproveitar as brechas do sistema penal para adquirir recompensas como elogios, concessão de regalias, e, ainda, benefícios da lei e a liberdade. Submeter-se aos mecanismos de controle do sistema penal é uma estratégia de melhor convivência e sobrevivência na prisão.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises permitem-nos compreender como os discursos das experiências prisionais atuam na construção de subjetividades homogêneas por regras de uma biopolítica institucionalizadora dos corpos, traduzindo-se em processos colonizadores e de assujeitamento de imposição de verdades a partir de uma perspectiva que ignora a dignidade da pessoa humana. O material coletado que corroborou os objetivos do presente estudo serviu para atestar que o poder permeia as relações sociais na dinâmica prisional. Além disso, a categoria da disciplina ou o poder disciplinar apareceu com frequência nos depoimentos coletados, reforçando não só as características “internas” do conceito, mas demonstrando que as práticas sociais no Sistema não estão isentas de relações de poder.

Assim, constatamos que o poder implica, necessariamente, assimetria na sua distribuição entre os diferentes segmentos que integram a realidade empírica

PROMOÇÃO



APOIO





PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

observada. O que procuramos evidenciar é que sua arquitetura como prisão não consegue estruturar uma perspectiva radicalmente simétrica de distribuição do poder, sendo obrigada a conviver com a assimetria, resistências, coações, com os conflitos e interesses desencadeados pelos seus processos internos.

## REFERÊNCIAS

CÉLEM, Rosângela. **As relações sociais em prisão de tipo semiabertas. Uma experiência em Serviço Social.** São Paulo, Cortez, 1983.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas** (4ªed., S. Muchail, Trad.). São Paulo, Martins Fontes, 1987a

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir.** (L. Vassallo, Trad.). Petrópolis, Vozes, 1987b.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir.** Petrópolis, Vozes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos Cursos do Collège de France.** (1970-1982). Trad. Andréa Daher. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

FOUCAULT, Michel. In: MOTTA, M. B. (Org.). **Ditos e escritos: Arqueologia das ciências história dos sistemas de pensamento** (vol. II). 2. ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber.** São Paul, Martins Fontes, 1997.

FOUCAULT, Michel. **L'herméneutique du sujet. Cours au Collège de France,** 1981-1982. Paris, Seuil/Gallimard, 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber.** 2001. 14 ed., Rio de Janeiro, Graal.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** 1979. Rio de Janeiro, Edições Graal.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Trad. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro, LTC, 2001.

THOMPSON, Augusto. **A questão penitenciária.** Rio de Janeiro, Forense, 1998.

PROMOÇÃO



APOIO